

Lançamento da obra *A Renúncia*, de José Garcia Costa | 22 de
Outubro de 2012
Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da
Madalena do Pico

[cumprimentos]

O Concelho da Madalena tem boas tradições culturais no domínio da escrita e da edição, e, em certa medida, da investigação histórica.

Uma delas, é predominantemente de orientação religiosa, mercê dos grandes vultos da Igreja católica que tivemos a honra de contar entre nós;

a outra, é de origem, digamos, laica, e é fruto de esforços fundamentalmente individuais: na documentação de vários aspectos da nossa história e das nossas tradições, na poesia, especialmente a popular, e na ficção, esta menos presente.

Nos últimos anos têm crescido esforços de escrita e até editoriais.

A obra de José Garcia Costa, sobre a qual o Albino Terra Garcia falará com propriedade, enquadra-se neste labor intelectual.

Neste caso particular, o autor abalança-se num romance de largo fôlego, muito pouco habitual entre nós, e só isso, por si, seria motivo de relevo.

Mas não sou especialista em literatura e limito-me a assinalar o facto que foi com muito gosto que a Câmara Municipal da Madalena contribuiu para que *A Renúncia* de José Costa pudesse chegar aos muitos leitores que seguramente merece.

A Câmara da Madalena, sempre que é solicitada e está dentro das suas capacidades financeiras de momento, gosta de apoiar os autores da terra ou daqueles que a elegeram como sua, pela vivência e pelo trabalho. Fá-lo porque considera que é dever das autarquias apoiar a criação intelectual e artística, especialmente porque a iniciativa privada tem neste domínio, na nossa Região, um défice de produção.

Por isso, as autarquias, em especial as Câmara Municipais, suprem sempre que possível essas lacunas.

Mas não são apenas instituições do poder local que o fazem: são os próprios artistas e escritores, quase sempre à custa de muito esforço e sacrifícios de ordem pessoal e familiar, e mesmo profissional, que não desistem do esforço de partilhar com a sociedade as suas criações, tão importantes para aprofundar e cimentar os laços de identidade, de estímulo à realização e à imaginação criadora de novos mundos e de sugestão de novas maneiras de encarar o nosso passado e as realizações futuras.

Pessoalmente, fico muito grato sempre que alguém ultrapassa determinadas barreiras e se lança a fazer coisas que até os mais próximos não adivinhariam que fosse possível.

Isto acontece em muitos domínios e este da escrita romanesca, em particular, deixa-me particularmente sensibilizado.

Creio que muitos de nós, em diferentes momentos das nossas vidas, desejámos, ou ainda desejamos, lançar-nos nestas aventuras da criação artística e intelectual. O exemplo do José Costa tem também este grande mérito, o de nos fazer acreditar nas nossas possibilidades, que até cremos possuir mas que, por razões várias, não nos atrevemos a experimentar.

Todos sabemos que o processo deste tipo de escrita não exige apenas talento. São necessárias muitas horas de dedicação, quer na escrita propriamente dita, quer nos aspectos que a ela conduzem, como sejam a investigação e as leituras paralelas.

Nem sempre acarinhámos devidamente este trabalho, aliás, muitas vezes nem o consideramos trabalho mas apenas um divertimento.

Esquecemo-nos que um bom escritor, tal como um bom músico ou um bom atleta, por exemplo, apenas mostra em público uma pequeníssima parte do seu trabalho, a maior parte foi gasta em muitas e muitas horas de esforço,

de suor e tantas vezes, até de dor, quando sabemos que aquilo que estamos a preparar para mostrar aos outros ainda não está como achamos que deveria estar, por respeito connosco e com aqueles para quem trabalhamos.

Quanto mais fácil parece, maior esforço está por detrás da obra vista em público.

Creio que é bom lembramo-nos disto e agradecer a quem,

como o José Costa,

dedicou, e esperemos que continue a dedicar,

muito do seu tempo e do seu esforço, para partilhar connosco momentos de prazer que um livro sempre oferece.

Creio ainda, para terminar,

que todos devemos motivarmos para ler *A Renúncia* do nosso autor,

dar-lhe a nossa opinião, a nossa crítica construtiva, as nossas dúvidas ou até incompreensões.

Um livro, seja ele qual for, não pertence exclusivamente a quem o escreveu.

Só é livro se for lido, partilhado. Por isso, o meu apelo à sua leitura.

Agradeço ao autor, por esta obra, pelo que ela significa, e desejo que não se fique por aqui – tem seguramente muito mais a dar-nos.

Ao Albino Terra Garcia, agradeço também pelo seu trabalho de leitura e análise para a apresentação do livro, que seguramente todos apreciaremos.

E agradeço aos presentes, naturalmente, são sempre um importante estímulo para quem escreve e gosta de saber que o seu livro se continua nos leitores.

Obrigado a todos.

Bem hajam.